

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

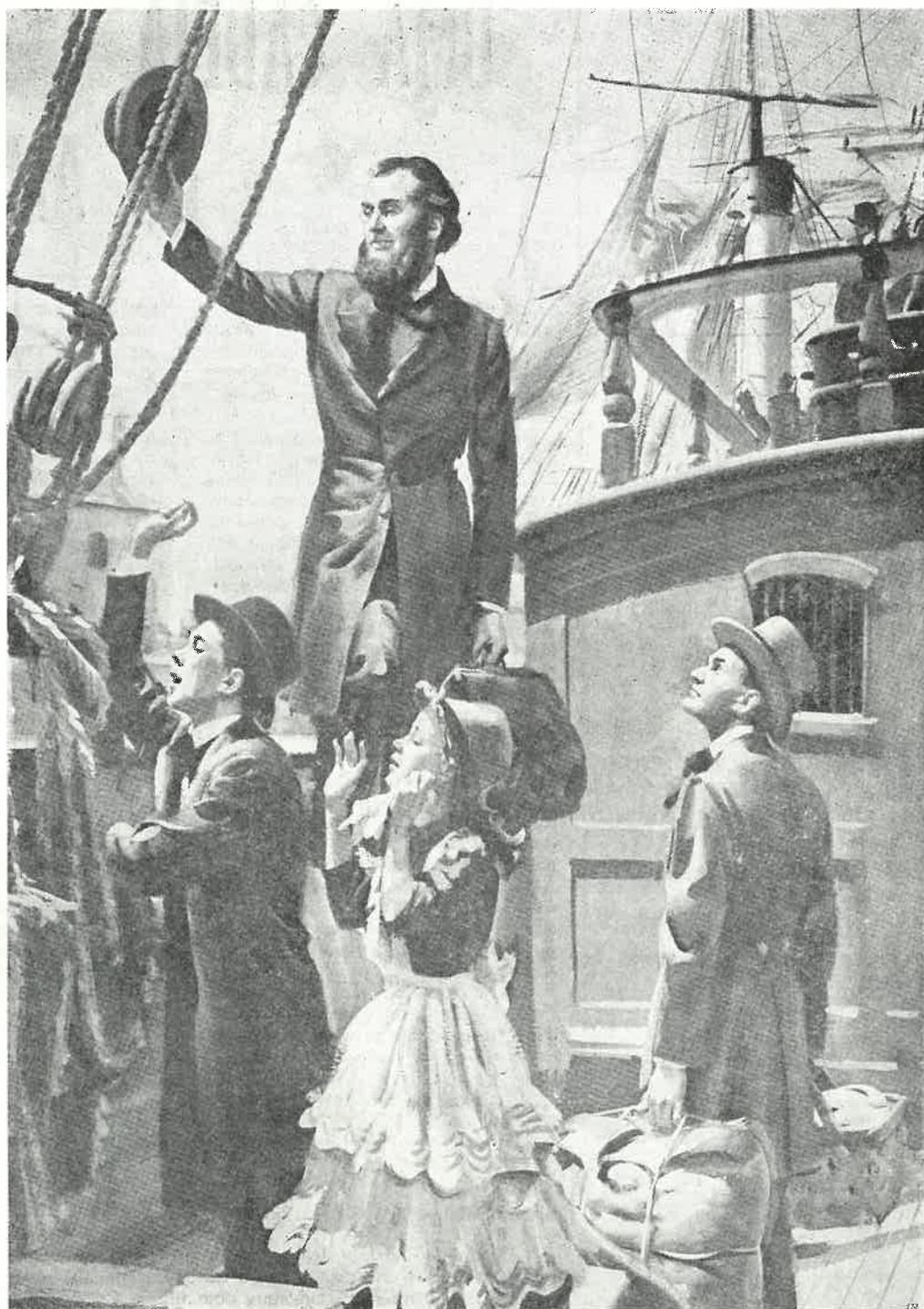
O Movimento Adventista
volta-se para a Europa

pág. 3

O Futuro do Movimento
Adventista

pág. 8

CENTENÁRIO
DAS
MISSÕES
ADVENTISTAS



SUMÁRIO

Uma Cadeia de Amor
O Movimento Adventista
volta-se para a Europa
— A Iniciativa Czechowski
— Nascimento duma Igreja
Missionária
O Futuro do Movimento
Adventista
— «Até aos Confins
da Terra»
Congresso Internacional M. V.
de La Coruña
Notícias do Campo
Breves Notícias da Divisão
Euro-Africana

REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal

OUTUBRO DE 1974

ANO XXXV

N.º 337

Director:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLANTICO

S. A. R. L.

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFACIO, 17

L I S B O A

Administração:

RUA JOAQUIM DIAS SOUSA

RIBEIRO, LOTE 18, 1.º

S A C A V Ê M

Composto e impresso na

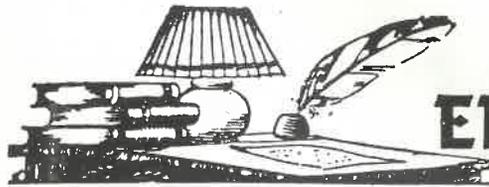
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.

Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00

Estrangeiro (ex-
cepto Brasil e Es-
panha): 55\$00

Número avulso 4\$00



Página
EDITORIAL

UMA CADEIA DE AMOR

Era uma igreja jovem em 1874, uma igreja muito jovem! A igreja adventista ainda é, comparativamente a outras denominações religiosas, uma igreja jovem, apesar de ter mais de 100 anos.

Impedi-la-ia a sua juventude de enfrentar as suas aparentes dificuldades de desenvolvimento? Não. Os seus dirigentes viam para além desses obstáculos, como eram a falta de homens e de meios, e os pioneiros eram inabaláveis quando os inimigos os cobriam de sarcasmo, dirigindo-lhes frases como esta: «Ser-vos-á preciso 144 000 anos para cumprir o vosso programa!»

Da Suíça, o grupo de Tramelan lançou um apelo por ajuda... A Conferência Geral respondeu negativamente em 1869, 1870, 1871... Quando se aproximava a sessão da Conferência Geral de 1874, os irmãos da América sentiram que deviam avançar pela fé, confiantes nas promessas divinas.

Em 1874, J. N. Andrews deixou Boston para a Suíça. Ellen White declarou mais tarde aos crentes europeus: «Enviámo-vos o melhor dentre nós.»

Que movimento não foi desencadeado por este primeiro arranque! Durante os cem anos decorridos desde que ele se deu, centenas de missionários deixaram os seus países e seres queridos para

se dirigirem aos locais aonde foram chamados. Não partiram para agradáveis cruzeiros ou para apreciar sítios turísticos, mas empreenderam a aventura da fé. Partiram para falar de esperança a um mundo moribundo, a fim de orientar os pecadores para o Cordeiro de Deus, a fim de preparar um povo para a vida eterna.

A Europa que recebeu o primeiro missionário adventista é por sua vez base de partida. Os seus filhos e filhas alongam a cadeia que, em toda a volta do mundo, dá um forte testemunho do amor de Deus. Mais de trezentos missionários suíços, franceses, belgas, alemães, italianos, portugueses e espanhóis servem na Divisão Euro-Africana e em cinco outras divisões.

Os autóctones, por sua vez, impulsionados por esses missionários, ensinam os seus compatriotas. Assim, graças a fé daqueles que enviam, à consagração daqueles que partem, ao amor e ao zelo daqueles que recebem, a Obra continua a progredir.

Em breve chegará ao fim esta longa cadeia, porque todos terão ouvido a mensagem adventista. E breve, muito breve, Jesus virá.

C. L. Powers
Presidente da
Divisão Euro-Africana

NA PRIMEIRA PÁGINA

Quadro do artista Harry Anderson, representando a partida de J. N. Andrews para a Europa, a 15 de Setembro de 1874. Este deixa o porto de Boston acompanhado pelos seus dois filhos, Charles e Mary, e por Ademar Vuilleumier, primo de Albert Vuilleumier.

O MOVIMENTO ADVENTISTA

VOLTA-SE PARA A EUROPA

A INICIATIVA CZECHOWSKI

por Jacques Frei

A Czechowski cabe a honra de ter dado aos primeiros adventistas dos Estados Unidos a ideia duma missão mundial e de haver demonstrado a sua possibilidade e validade. Se a máxima do protector dos Valdenses, o general Beckwith: «Vós sereis missionários ou não sereis nada» se revelou exacta para eles, a igreja adventista soube por sua vez reconhecer: «Nas sessões da Conferência Geral e em outras grandes assembleias da igreja, o progresso das missões retém o centro do interesse. Pode-se dizer que o mandato divino para a missão mundial tem sido e ainda é a essência da dinâmica adventista.» (*Review and Herald*, Semana de Oração de 1973, pág. 9.)

Michael Belina Czechowski na América

Foi na Suíça, em 1850, que o refugiado polaco M. B. Czechowski se casou com a empregada rural e analfabeta Marie Virgine Delavouet, renunciando ao mesmo tempo ao seu hábito de frade e ao seu ideal político. Aventuras, já tinha conhecido muitas quando, à testa de um grupo de revolucionários, havia deixado a França, desejoso de combater para a libertação da Polónia; quando em 1844 tinha



Michael Belina Czechowski

entregue ao papa um projecto de reforma para os conventos do seu país e recusado a sua nomeação para a Terra Santa; quando nos confins da sua pátria tinha querido reformar a sua paróquia proibindo os débitos de bebidas alcoólicas e organizando por cada dez famílias um grupo de estudos bíblicos; quando no convento tinha sido espancado pelos seus colegas por se haver recusado a tomar parte numa pequena revolta que terminou na cave do padre superior. Mas creio que, desta vez, ao decidir deixar a Suíça, ele não procurava mais aventuras. Não tinha ele preparado cuidadosamente a partida, aprendendo em segredo a arte de encadernador? E com as sete línguas que falava, com os seus talentos, o seu ardor e a sua vontade, o futuro não seria por certo para ele tão tumultuoso como o passado. Mas nisso estava ele enganado. Deus conhecia os talentos daquele homem, tinha-o escolhido para se tornar Seu instrumento.

Perseguido em Bruxelas pelos jesuítas, teve de abandonar a sua oficina de encadernação para se dirigir a Londres. Mas também ali o voltaram a encontrar. Embarcou então para os Estados Unidos. Não foi motivo de admiração que ali assistisse a uma reunião campal e se tornasse adven-

tista, como tão-pouco causou surpresa que a família White fosse da opinião que um homem com tais talentos poderia prestar à causa de Deus melhores serviços do que trabalhar numa oficina de encadernação em Battle Creek. Também ninguém se admirou de que começasse a pregar a tríplice mensagem. Mas a admiração foi quando aquele homem pediu para ser enviado à Europa para lá pregar a mensagem. Quando lho recusaram, Czechowski desapareceu da circulação.

Sabe-se que Czechowski procurou a ajuda doutra dominação, a Sociedade Cristã de Boston (adventistas do primeiro dia) e que veio pregar a tríplice mensagem na Europa, começando pelos Vales Valdenses da Itália, seguidamente pela Suíça, depois França, Alemanha, Áustria, Hungria, Roménia e até à Rússia.

Talvez que por ocasião do centenário da vinda do primeiro missionário seja interessante considerar algumas reflexões feitas a propósito desse «outsider» que foi Michael Czechowski.

Os relatórios feitos do seu trabalho na nossa denominação nos Estados Unidos, onde trabalhou principalmente com pessoas de língua francesa, são animadores: «Nem trabalho, nem fadiga, nem perigos conseguem dominá-lo; almas são convertidas.» (**Review and Herald**, 15 de Abril de 1858.) James e Ellen White foram os primeiros a intervir numa ajuda financeira quando Czechowski pregou no Norte do Estado de Nova Iorque, oferecendo cada um 15 dólares para os 150 que lhe eram necessários (Idem.) Num relatório de viagem, James White escreveu: «Irmãos, não esqueçais este irmão polaco. Antes, era um padre bem colocado na igreja de Roma. Por ter procurado reformar o que estava corrompido, passou dois anos na prisão. Foi obrigado a fugir para a Inglaterra. Veio para este país sem um centavo. Na nossa terra de abundância sofreu a fome e o frio. Trabalhou com zelo para instruir os franceses e os conduzir a Cristo. Foi a Providência que o colocou no nosso meio.» (Ibidem.)

Porque não veio Czechowski para a Europa por conta da Igreja Adventista?

Porque, então, os nossos irmãos dirigentes não deram seguimento ao pedido de Czechowski para ser enviado à Europa a pregar o evangelho? Teria ele sido demasiado volúvel, como pretende Spalding na sua obra **Origin and History of Seventh-day Adventists**, vol. 2, pág. 198? Ou seria a nossa igreja demasiado fraca para se lançar a uma tarefa tal? Tinha ela falta de dinheiro? Ou falta de fé?

Parece-me que os factores seguintes tiveram influência: O pequeno grupo dos primeiros adventistas tinha dificuldade em se libertar do conceito da «porta fechada». E quando finalmente esse obstáculo foi vencido, ficaram outros. Com efeito, eles pensavam que a tríplice mensagem devendo

ser proclamada «a toda a nação, e tribo, e língua, e povo» (Apoc. 14:5) já o havia sido de facto, pois que, nos Estados Unidos, onde trabalhava a nossa denominação, se encontravam pessoas de «toda a nação, e tribo, e língua, e povo». (Ver Uriah Smith, em **Review and Herald** de 3 de Fevereiro de 1859.)

Por isso foi necessário tempo para que aqueles primeiros adventistas se convencessem de que os europeus eram dignos e capazes de receber o evangelho. Efectivamente, quando os irmãos da Suíça comunicaram aos dirigentes da nossa obra a notícia da sua existência e os puseram ao corrente das dificuldades financeiras em que se encontrava a obra das publicações na Suíça (Czechowski, cheio de zelo pela causa de Deus, era no entanto um péssimo administrador), os nossos irmãos de Battle Creek decidiram abrir uma subscrição. A soma proposta foi de dois mil dólares (ver **Review and Herald**, de 30 de Novembro de 1869). O dinheiro entrou lentamente, demasiado lentamente. Apresentavam-se desculpas, dando razões. Entre outras, lemos: «Paira uma dúvida no espírito de muitos. Há os que estão dispostos a dar dinheiro para fazer circular impressos no nosso país e ajudar a Causa na nossa nação, mas mandar dinheiro para a Europa parece-lhes arriscado.» (Idem, 11 de Janeiro de 1870.)

Por outro lado, os americanos tinham de compreender que os europeus tinham também a sua inteligência: «Com os meios de que dispomos para formar uma opinião, concluímos que na Suíça há hoje um grupo de adventistas no qual podemos ter confiança. Temos as fotografias de muitos deles e julgamos que são inteligentes e bem intencionados.» (Ibidem.) A própria irmã White nos seus relatórios de viagem pela Europa, viria a fazer as mesmas observações. Falando numa reunião, declara: «Havia ali perto de duzentos irmãos e irmãs. É raro ver-se uma assembleia mais inteligente e de expressão mais nobre.» (E. G. White, **Historical Sketches of the Foreign Missions**, pág. 172.) Noutro passo, ela diz: «O interesse dos ouvintes era um encorajamento suficiente e igualava o de qualquer congregação que tenhamos visto na América.» (Idem, pág. 225.)

O Problema Financeiro

A experiência iria em breve provar que o problema financeiro não era o obstáculo número um. É certo que o princípio do dízimo só foi adoptado na nossa igreja em 1879. Mas a partir de 1859 os nossos pastores foram sustentados, pelo menos em parte, pelo fundo de beneficência sistemática (systematic benevolence). E se Andrews veio para a Suíça em 1874, depois de os irmãos Erzberger e Ademar Vuilleumier terem recebido a sua formação nos Estados Unidos, D. T. Bourdeau veio logo a seguir em 1876, do Novo Mundo, para reforçar a equipa de trabalho. Em breve se seguiram ou-

tros: A. C. Bourdeau, B. L. Witney, J. N. Loughborough. Havia portanto homens e meios disponíveis, evidentemente ao preço de imensos sacrifícios. Mas porque não se tinha feito mais cedo esses sacrifícios?

Desde o início, os irmãos da Suíça colaboraram também financeiramente. Não ofereceram eles mil e oitocentos francos suíços logo que lhes foram propostos planos de trabalho, e isto na sua segunda assembleia geral (Le Locle, Novembro de 1874)?

Quando uma irmã de Basileia, hospedando um mendigo, soube por ele da existência de um grupo de observadores do Sábado na Alemanha, nova oferta de 300 francos suíços permitiu aos irmãos Andrews e Erzberger deslocarem-se a Elberfeld para travar conhecimento com esse grupo. Foram lá, deram conferências públicas e particulares e, no regresso, restituíram os 300 francos aos irmãos da Suíça. Os crentes da Alemanha tinham ficado tão contentes com a notícia da existência do movimento adventista que tomaram a seu cargo todas as despesas de viagem, de estadia e de evangelização. Espalhar o evangelho na Europa não era portanto um risco financeiro.

Como a Viúva Importuna

Desde 1869 que o grupo de adventistas de Tramelan pedia ajuda. Mas não veio ninguém. Tiveram entretanto ocasião de enviar um dos seus (Jacques Erzberger) à América para ali receber uma formação. «Continuaram a pedir ajuda. Como a viúva da parábola, ano após ano, repetiam o seu pedido e, anualmente, da Conferência Geral lhes respondiam que deviam con-



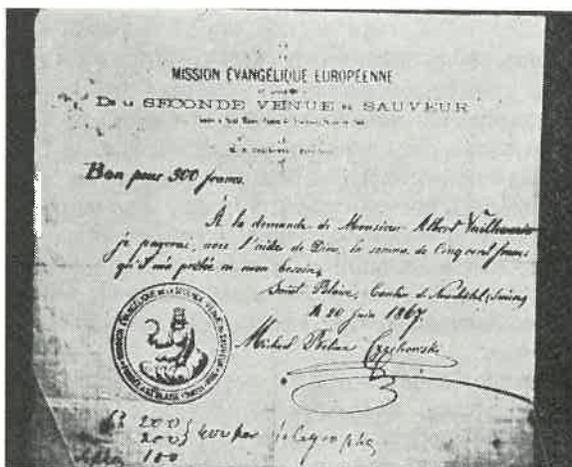
Vista geral de Tramelan. Indo de aldeia em aldeia, Czechowski chegou a Tramelan e encontrou um grupo de cristãos interessados no estudo das profecias (verão de 1866). Tramelan deveria tornar-se em breve a primeira igreja adventista na Europa.

tentar-se com a página impressa, que não havia ninguém que pudessem enviar.» (Spalding, **Origin and History of Seventh-Day Adventists**, vol. 2, pág. 199.)

No entanto, já em 1871 Ellen G. White tinha declarado: «Jovens deviam familiarizar-se com outras línguas a fim de Deus os poder utilizar para comunicar a Sua verdade salvadora... Necessitam-se missionários para irem pregar a verdade a outras nações.» (Ibidem.) Em 1874 ela escrevia uma nova mensagem: «Sustentais ideias demasiado limitadas acerca do trabalho para este tempo. Procurais traçar planos de trabalho de maneira a poderdes tê-los nos vossos braços. Deveis ter vistas mais largas. A vossa luz não deve brilhar debaixo do alqueire, mas sobre um castiçal, para que ilumine todos os que estão na casa. A vossa casa é o mundo.» (Idem, págs. 199, 200.)

A Quem Honra, Honra

Desejei nestas poucas linhas descrever o longo caminho que a igreja adventista teve de percorrer até alcançar a visão do seu dever de evangelização mundial. É caso para perguntar o que teria sido se Michael Belina Czechowski não tivesse forçado a mão aos nossos irmãos dirigentes, vindo para a Europa sem a sua aprovação. Certamente a Europa teria tido que esperar ainda muito tempo. Podemos então afirmar que foi Czechowski quem implantou entre os adventistas a ideia duma missão mundial. Prestemos a Czechowski e à sua pátria, a Polónia, a honra que lhes é devida. A Polónia honrou o nosso pioneiro dando o seu nome ao seminário adventista que se encontra perto de Varsóvia: o «Seminário Czechowski».



Terá Czechowski tido vistas demasiado largas? Quando os irmãos da América não pensavam ainda levar a tríplice mensagem para fora do seu continente, o missionário polaco intitula a sua obra: Missão Evangélica Europeia e Universal da Segunda Vinda do Salvador.



Daniel T. Bourdeau e sua esposa, fundadores com J. N. Loughborough das primeiras igrejas adventistas da Califórnia, nos Estados Unidos. Em 1876, D. T. Bourdeau batizou em Valence os primeiros adventistas franceses.

NASCIMENTO DUMA IGREJA MISSIONÁRIA

por **Gottfried Oosterwal**

Três factores determinantes levaram os pioneiros adventistas gradualmente a crer que o Senhor desejava possuir um povo que percorresse o mundo inteiro para proclamar a mensagem do terceiro anjo a todos os habitantes da terra.

O primeiro desses factores foi a intervenção de Ellen White que estimulava sem desfalecer os seus irmãos na fé, a fim de que se desincumbissem da tarefa que Deus lhes havia confiado. Durante o ano de 1850 ela publicou abundantes escritos nos quais instava com os condutores das igrejas a alargarem a sua visão acerca das missões.

Um segundo factor muito importante decorreu do facto de uma multidão de imigrantes europeus ter invadido os Estados Unidos durante os anos de 1850 a 1860. Separados dos seus parentes e

amigos, sem estarem já sob a influência das suas igrejas e comunidades, estes imigrantes buscavam relações de amizade e comunhão com as pessoas de quem se viam rodeados. Encontraram na companhia dos crentes adventistas não apenas novos irmãos e irmãs, mas também uma fé que desde logo lhes dava uma razão de viver. Esses imigrantes por sua vez mostraram aos adventistas que a sua missão se devia estender a todas nações, a todas as línguas, a todos os povos.

Quando aqueles novos crentes aceitaram a mensagem do terceiro anjo, sentiram o desejo de comunicar a sua fé aos seus irmãos imigrados. A igreja então desenvolveu-se rapidamente graças a esses grupos de estrangeiros falando línguas diferentes. Alguns deles tinham as suas próprias publicações e até o seu próprio seminário. Escreveram aos parentes e amigos que haviam ficado nos países de origem, falando-lhes

da mensagem adventista. Alguns ardiam no desejo de regressar à Europa para espalhar a mensagem da próxima vinda do Senhor. Foi o caso de M. B. Czechowski, antigo católico imigrante da Polónia.

Baptizado numa reunião campal em Findlay, no Ohio, em 1857, Czechowski exerceu o ministério de pastor no Canadá, em Nova Iorque e em Vermont. Durante todo esse tempo o seu supremo desejo era voltar à Europa para pregar a mensagem adventista. Mas os dirigentes da igreja não viam a importância duma empresa tal. Czechowski, que havia tido dificuldades financeiras, não lhes parecia o homem indicado para realizar tal projecto. Além disso, a visão que tinham relativa às missões continuava ainda limitada. Mas Czechowski partiu contra a vontade deles. Encontrou outra igreja que o enviou à Europa, financiando uma parte da sua viagem. Em 1864, começou a pregar em Torre Pellice, no coração da região valdense, no Norte da Itália. Catorze meses mais tarde ei-lo na Suíça, onde forma o primeiro grupo de crentes adventistas.

Apesar de Czechowski não ter sido apoiado pela igreja adventista do sétimo dia e de o seu nome ter sido esquecido na América, continuou a pregar as doutrinas adventistas.

Contacto com os Adventistas Americanos

Albert Vuilleumier, convertido por Czechowski, descobriu um dia numa sala onde este havia morado a direcção da casa publicadora da **Review and Herald**. Como ancião da igreja de Tramelan onde Czechowski tinha formado um grupo importante, A. Vuilleumier pôs-se imediatamente em contacto com os irmãos de Battle Creek e estabeleceu assim uma ligação entre os adventistas da Conferência Geral e os adventistas suíços.

A partir desse momento, os crentes da Suíça não cessaram de insistir com a Conferência Geral para que lhes enviassem um pastor para os instruir melhor na mensagem adventista e para os guiar na maneira de a divulgar. Como ninguém apareceu, os suíços resolveram enviar um dos seus crentes aos Estados Unidos. Jacques Erzberger chegou a Battle Creek em Maio de 1869, alguns dias depois de se ter realizado a assembleia da Conferência Geral à qual não pôde assistir.

Pôs-se a estudar a mensagem adventista durante quinze meses. Em Setembro de 1870, depois de ter sido consagrado pastor, J. Erzberger regressou à Suíça. Foi o primeiro pastor a receber oficialmente a designação de missionário fora do campo americano. Assim começou o movimento missionário no mundo, quatro anos antes que J. N. Andrews viesse a ser enviado

para a Suíça, em resposta às insistentes solicitações dos novos convertidos cujo número crescia rapidamente.

Sociedade Missionária de Vigilância

Um terceiro factor que ajudou os nossos pioneiros a ver e a aceitar a missão que Deus lhes havia confiado de evangelizar o mundo foi devido à Sociedade Missionária de Vigilância. Esta sociedade começou com um grupo de mulheres que partilhavam a convicção de que o Senhor as tinha chamado a um ministério particular para fazer avançar a Sua obra. Visitaram os seus vizinhos e tomaram cuidado dos pobres e dos isolados; entregaram-se particularmente ao cuidado dos imigrantes europeus e, para melhor os poderem ajudar, alguns membros daquela sociedade empreenderam o estudo do alemão e do francês. Durante esse tempo, enquanto realizavam o seu trabalho, nunca perderam de vista a visão do mundo a evangelizar que havia germinado no seio da igreja adventista. Enviaram folhetos traduzidos em diversas línguas estrangeiras aos endereços dados pelos imigrantes europeus. Por vezes, juntavam cartas pessoais aos folhetos, insistindo com os destinatários sobre a esperança da volta de Jesus.

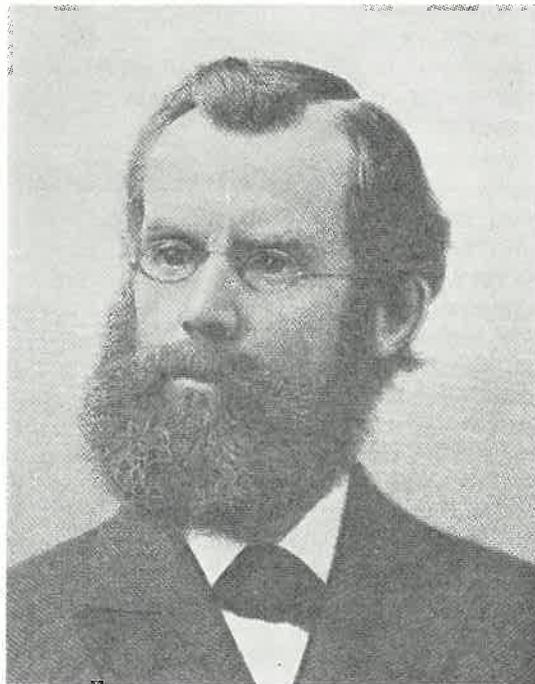
A 29 de Dezembro de 1871 reuniu-se uma assembleia especial da Conferência Geral para se inteirar das actividades e dos resultados conseguidos pela Sociedade Missionária de Vigilância e do seu futuro. Foi então tomada a seguinte resolução: cada igreja adventista possuiria as suas próprias publicações e a sua obra missionária particular. O resultado foi a manifestação de um movimento missionário sem precedentes desde o início da igreja cristã.

Os membros das igrejas começaram a enviar cartas, folhetos, livros que depressa deram a volta ao mundo. Os oficiais de marinha encontravam nos seus navios grandes pacotes de folhetos adventistas e os marinheiros entregavam esta literatura nos portos da Europa, da África, da Ásia e da América do Sul. Foi assim que começaram as igrejas da Venezuela, do Gana, das Ilhas Carolinas (Micronésia) e em muitos outros países. Os membros das igrejas na América sentiram-se dominados pelo espírito missionário. Os cultos muitas vezes consistiam de relatórios feitos pelos membros de igreja sobre as cartas que tinham escrito aos seus parentes e outras pessoas fora dos Estados Unidos. Redigiam-se então relatórios dos êxitos alcançados por aqueles que se meavam sobre todas as águas (Isaías 32:20).

Esta nova visão das missões levou as igrejas a publicar em 1874 uma revista mensal: «O Verdadeiro Missionário». Essa revista começava com um artigo de Ellen White que dava uma ideia geral

(Continua na pág. 19)

O FUTURO DO MOVIMENTO ADVENTISTA



John Nevins Andrews

«ATÉ AOS CONFINS DA TERRA»

por Jean Zurcher

Já no fim da vida e do seu ministério, Ellen White escreveu, em 1915, estas palavras que devemos fazer nossas cada vez que circunstâncias excepcionais, como este centenário, nos levam a reflectir sobre o passado, o presente e o futuro do movimento adventista: «Ao recapitular a nossa história passada, havendo revisado cada passo de progresso até ao nosso nível actual, posso dizer: Louvado seja Deus! Ao ver o que Deus tem obrado, encho-me de admiração e de confiança na liderança de Cristo. Nada temos que recluir quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado.» (**Testemunhos Selectos**, Vol. III, pág. 443.)

Com efeito, ao contemplar os progressos da Obra durante estes últimos cem anos, não podemos fazer mais que ficar cheios de admiração e de confiança no futuro. Não tanto pelo que tem sido realizado, porque com mais zelo e fidelidade a mensagem adventista teria podido conhecer um desenvolvimento infinitamente maior, mas mais pela maneira como o Senhor, apesar das fraquezas humanas, tomou o cuidado de conduzir Ele mesmo o desenvolvimento da Sua obra. Para compreender esta incessante

intervenção divina, precisamos medir o caminho percorrido, determinar as coordenadas da nossa posição e encarar o futuro com confiança, repletos de fé e de coragem, seguros de que a grande obra do evangelho não deverá encerrar-se com menor manifestação do poder de Deus do que a que assinalou o seu início» (**O Conflito dos Séculos**, pág. 450).

Cem Anos de Missão Mundial

Foram necessários exactamente trinta anos para levar o pequeno grupo de adventistas dos Estados Unidos a compreender que a mensagem do evangelho eterno lhes havia sido confiada para que a anunciassem «aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo» (Apoc. 14:6). Quando em 1864, um ano depois da organização da Conferência Geral, M. B. Czechowski ofereceu os seus serviços para trazer a mensagem para a Europa, os irmãos consideraram que ainda não tinha chegado o tempo para tal empreendimento. Foi preciso esperar os resultados do trabalho de Czechowski na Suíça e o patético apelo de Albert Vuilleumier, datado de 6 de Janeiro de 1869, repetido e avolumado por Jacques Erzberger, para que abrisse caminho a ideia duma obra na Europa.

O facto de se saber que havia, no velho continente, grupos de adventistas desejosos de serem mais bem instruídos, os seus repetidos apelos e os testemunhos do Espírito de Profecia a favor duma obra mundial, tudo isso contribuiu para que os irmãos dirigentes se decidissem a enviar como representante o melhor de entre eles, J. N. Andrews.

Estamos gratos ao Senhor por esse primeiro missionário adventista. Desde então, centenas e milhares doutros seguiram o exemplo de Andrews. Cem anos mais tarde, só durante o ano de 1973, 1 139 missionários, como Andrews, deixaram as suas pátrias para se dirigirem a outras terras, a outros continentes, respondendo assim à ordem do Mestre: «Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura» (Marcos 16:15). Entre eles, 316 são novos missionários, 388 veteranos, e 455 voluntários. Graças a este exército de missionários, a mensagem adventista é actualmente pregada em 90% dos países do mundo, e representa uma das obras missionárias mais vastas — se não for a mais vasta — de todas as denominações protestantes consideradas individualmente. Uma expansão tão rápida e de tão longo alcance constitui prova evidente de que o próprio Deus está velando pelo desenvolvimento desta obra.

A completar este quadro, convém acrescentar aos missionários propriamente ditos os 25 000 evangelistas que proclamam, hoje, a mensagem em quase um milhar de línguas e dialectos, enquanto que cerca de 70 000 obreiros são empregados pela igreja, em diversos ramos de actividade, para o cumprimento do seu divino mandato. A denominação publica mais de 300 periódicos e não se passa um ano, por assim dizer, sem que a obra penetre num novo território onde a mensagem não tenha sido ainda pregada. Quando se conhecem os esforços desenvolvidos pela salvação duma única alma, não é maravilhoso pensar que «Missão 73» permitiu conduzir ao Senhor mais de 200 000 novos convertidos? Como deixariam de louvar a Deus pela obra de salvação que Ele próprio dirige em todo o mundo, em vista de preparar para Si um povo, formado de todas as nações da terra, pronto a recebê-lo no dia da Sua glória!

A Igreja Adventista em 1974

Há outro aspecto do desenvolvimento da igreja que merece ser destacado, além do crescimento numérico que, num século, passou de 18 000 membros a cerca de dois milhões e meio. Até cerca do ano 1950, a maioria dos adventistas vivia na América do Norte, na Europa e na Austrália. Hoje, apenas 20% dos adventistas vivem nos Estados Unidos e é muito provável que pelo fim deste decénio, a percentagem não ultra-

passe os 10%. Isto significa que a igreja adventista, muito mais que o cristianismo em geral, é agora uma igreja não ocidental com uma grande percentagem de membros não europeus. E esta característica não fará mais que acentuar-se nos próximos anos, visto que os mais rápidos progressos se registam, presentemente, na América do Sul, na África, nas Ilhas Caraíbas e no Pacífico, assim como em certas regiões da Ásia.

Como uma boa percentagem dos seus membros corresponde ainda e sempre a crentes da geração adulta mais jovem, há toda a razão para crer que a igreja adventista se conservará viva e dinâmica. É mesmo provável que o ardor espiritual dos membros dos países do terceiro mundo venha a exercer uma influência vivificante na igreja em geral e no desenvolvimento missionário em particular. Desde já se pode ver que o movimento missionário não se faz em sentido único. É um facto feliz, porque na hora em que muitas portas se fecham aos missionários americanos e europeus, surgem novas forças um pouco de toda a parte, do Brasil, das Antilhas, das Filipinas e de outros lados. Este movimento missionário da igreja não ocidental para todo o mundo não deixará de crescer e constituirá, com toda a certeza, o maior triunfo na expansão do movimento adventista nos anos futuros.

Querirá isso dizer que se exigirá um esforço missionário menos intenso por parte das igrejas ocidentais? De modo nenhum, pois serão ainda e cada vez mais necessários homens altamente qualificados para ajudar a preparação de obreiros e de chefes dos numerosos países africanos, asiáticos e latino-americanos. Mas será sobretudo necessário intensificar o espírito missionário para sustentar financeiramente a expansão da igreja nos países do terceiro mundo. Mesmo que alguns países se fechem aos missionários do mundo ocidental, isso não quer dizer que a obra missionária da igreja tenha de parar. Nalguns países onde estes últimos não têm mais acesso, a obra desenvolve-se rapidamente e damos graças ao Senhor por isso. Vivemos, é certo, numa hora de mudanças radicais. Os conceitos das missões da era colonial têm de ser abandonados, mas a missão mundial da igreja adventista deve continuar. Resta uma obra imensa por fazer e sabemos que ela se fará, pela graça de Deus, e com o concurso da igreja toda.

Uma Obra a Terminar

Os pioneiros da mensagem adventista não compreenderam, desde o início, a grandeza da tarefa que lhes incumbia. A visão duma missão mundial só se foi impondo a pouco e pouco, sob a pressão das circunstâncias e graças à luz que o Senhor não cessou de prodigalizar pelos conse-



A mala que transportou em 1874 os objectos pessoais de J. N. Andrews para a Europa

Ihos do Espírito de Profecia. Deste ponto de vista, o ano de 1874 marcou na verdade uma viragem decisiva. Os trinta primeiros anos, de 1844 a 1874, foram consagrados inteiramente à proclamação da mensagem no interior das fronteiras dos Estados Unidos. A partir de 1874, foi a abertura para o mundo, a ideia duma pregação universal do evangelho que se impôs aos nossos dirigentes.

A publicação, em Janeiro de 1874, da nova revista mensal **The True Missionary** (O Verdadeiro Missionário), testifica do espírito novo que então soprou na jovem comunidade adventista. É igualmente explícito o texto escolhido como lema da revista e impresso debaixo do próprio título: «Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura» (Marcos 16:15). Segue-se, na primeira página, o artigo de fundo escrito por Ellen G. White, sobre o campo mundial e a missão da igreja. É nesta perspectiva que se situa a decisão tomada alguns meses depois, de enviar para a Europa J. N. Andrews como primeiro missionário. Esta decisão não era, em suma, senão a consequência lógica dessa nova visão da igreja. E por não haver «resistido à visão celestial», a obra missionária tornou-se para a igreja adventista, durante os cem anos decorridos, o sinal distintivo da sua actividade e a razão de ser da sua presença no mundo.

Desejaríamos que 1974 marcasse, por sua vez, uma nova etapa na proclamação da mensagem. Geograficamente falando, pode-se dizer que a primeira parte da ordem do Mestre foi cumprida. Há cem anos que os missionários adventistas partiram para todo o mundo, «até aos confins da terra». Raros são os países onde a mensagem não foi ainda pregada. Mas a nossa tarefa não se pode limitar a considerações de ordem geo-

gráfica. A ordem de ir «por todo o mundo» só tem sentido na medida em que a boa nova seja pregada «a toda a criatura».

Como pode isso ser realizado? Não se tratará de uma missão impossível? Certamente, a tarefa é sobre-humana e de ano para ano parece cada vez mais desmedida. Basta pensar-se no constante crescimento da população do globo, no número de analfabetos que, longe de diminuir, aumenta constantemente, nos obstáculos de ordem política e religiosa cada vez mais reais, sem falar dos meios financeiros forçosamente limitados. Quem ousa sequer pensar nesses problemas! E no entanto, não nos disse o próprio Senhor da seara que «as coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus»? A exemplo do povo de Israel, deixar-nos-emos desanimar pelas realidades do mundo a conquistar, ou diremos com Caleb e Josué: «Subamos animosamente, e possuamo-la em herança, porque, certamente, prevaleceremos contra ela» (Números 13:30)? Não está escrito: «E esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé» (I João 5:4)? Foi pela fé, com efeito, que os pioneiros partiram à conquista do mundo, como outrora os apóstolos. Mas não será preciso menos fé, hoje, para terminar a obra da pregação do evangelho eterno aos habitantes de toda a terra.

Promessas Eternas

A Bíblia e o Espírito de Profecia dão-nos promessas certas a respeito da terminação da obra de Deus, nos últimos dias. O fim não virá sem que «este evangelho do reino» seja «pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes» (Mateus 24:14). Mas também sabemos que, quando tiver chegado o momento, «o Senhor executará a Sua palavra sobre a terra, completando-a e abreviando-a» (Romanos 9:28). «Nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus» (Apoc. 10:7). «Então a mensagem do terceiro anjo se transformará num alto clamor e toda a terra será iluminada com a glória do Senhor.» — **Test.**, vol. 6, pág. 401.

O primeiro sinal deste acto final da evangelização do mundo ver-se-á no despertar da igreja. Na Sua providência, o Senhor sacudirá a apatia do Seu povo. Uma reforma o preparará para participar sem restrições na conclusão da Sua obra. «Antes de os juízos finais de Deus caírem sobre a terra, haverá, entre o povo do Senhor, tal avivamento da primitiva piedade como não foi testemunhado desde os tempos apostólicos. O Espírito e o poder de Deus serão derramados sobre os Seus filhos.» — **O Conflito dos Séculos**, pág. 340. «Em visões da noite passaram perante mim representações dum grande movimento reformatório entre o povo de Deus. Muitos

estavam louvando a Deus. Os enfermos eram curados, e outros milagres eram operados. Viu-se um espírito de intercessão tal como se manifestou antes do grande dia de Pentecostes. Viam-se centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de Deus. Os corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo, e manifestava-se um espírito de genuína conversão. Portas se abriam por toda a parte para a proclamação da verdade. O mundo parecia iluminado pela influência celestial.» — **Testemunhos Selectos**, vol. III, pág. 345.

«Assim será proclamada a mensagem do terceiro anjo. Ao chegar o tempo para que ela seja dada com o máximo poder, o Senhor operará por meio de humildes instrumentos, dirigindo a mente dos que se consagram ao Seu serviço. Os obreiros serão antes qualificados pela unção do Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino. Homens de fé e oração serão constringidos a sair com zelo santo, declarando as palavras que Deus lhes dá.» — **O Conflito dos Séculos**, pág. 446. «A semente foi semeada e agora brotará e frutificará. As publicações distribuídas pelos missionários têm exercido a sua influência; todavia, muitos que ficaram impressionados foram impedidos de compreender completamente a verdade, ou de lhe prestar obediência. Agora os raios de luz penetram por toda a parte, a verdade é vista em sua clareza, e os leais filhos de Deus cortam os liames que os têm retido. Laços de família, relações na igreja, são impotentes para os deter agora. A verdade é mais preciosa do que tudo o mais. Apesar das forças arregimentadas contra a verdade, grande número se coloca ao lado do Senhor.» — **Idem**, pág. 450.

As solenes advertências das três mensagens de Apocalipse 14 terão o seu efeito sobre as massas. «Milhares de pessoas que nunca ouviram palavras como essas, escutá-las-ão. Com espanto ouvirão o testemunho de que Babilônia é a igreja, caída por causa dos seus erros e pecados, por causa da sua rejeição da verdade, enviada do Céu a ela.» — **O Conflito dos Séculos**, pág. 446.

«Naquele tempo muitos se separarão das igrejas em que o amor deste mundo suplantou o amor a Deus e a Sua Palavra. Muitos, tanto ministros como leigos, aceitarão alegremente as grandes verdades que Deus providenciou que fossem proclamadas no tempo presente, a fim de preparar um povo para a segunda vinda do Senhor.» — **Idem**, pág. 340.

Tais são nas grandes linhas as perspectivas de desenvolvimento da obra nos anos futuros. Certamente, as dificuldades e os obstáculos de toda a sorte não hão-de faltar. Mas até nisso o Senhor há-de manifestar a Sua misericórdia de maneira muito especial, num tempo que não será menos excepcional. «Deus usará maneiras e meios pelos quais se verá que Ele está tomando as rédeas em Suas próprias mãos. Surpreender-

-se-ão os obreiros com os meios simples que Ele usará para efectuar e aperfeiçoar a Sua obra de justiça.» — **Testemunhos para Ministros**, pág. 300. «Mercê das maravilhosas operações da providência divina, montanhas de dificuldades serão removidas e lançadas ao mar. A mensagem que tanta importância tem para os habitantes da terra, será ouvida e compreendida. Os homens discernirão a verdade. A obra progredirá mais e mais até que a terra inteira seja advertida: então virá o fim.» — **Testemunhos Selectos**, vol. III, pág. 332.

Uma Obra para Todos

Se o maravilhoso cumprimento das promessas de Deus feitas aos nossos pioneiros nos devem encher de confiança quanto ao futuro, a maneira como a obra se tem desenvolvido deve-nos servir de exemplo. A história do movimento é essencialmente a história de um povo cuja fé se exprime numa intensa actividade missionária. Foi por intermédio de homens e mulheres de condição humilde, tais como quinteiros, marítimos, sapateiros, tecelões, padeiros, donas de casa, que a mensagem se difundiu com incrível rapidez, no seu início. Ainda continua a ser assim por toda a parte onde os membros das igrejas compreendem que o Senhor lhes fez a graça de ser testemunhas vivas da verdade.

Para terminar a obra de Deus neste mundo, há duas mudanças que se impõem à igreja do cenatário das missões adventistas. Ressaltam claramente das citações feitas: em primeiro lugar, o despertamento e a reforma do povo de Deus; seguidamente, a participação de todos na proclamação da última mensagem. «A comissão do Salvador aos discípulos incluía todos os crentes. Abrange todos os crentes em Jesus até ao fim dos séculos. É um erro fatal supor que a obra de salvar almas depende apenas do ministro ordenado. Todos a quem veio a inspiração celestial, são depositários do evangelho. Todos quantos recebem a vida de Jesus são mandados trabalhar pela salvação dos seus semelhantes. Para essa obra foi estabelecida a igreja, e todos quantos tomam sobre si os seus sagrados votos, comprometem-se, assim, a ser coobreiros de Jesus.» — **O Desejado de Todas as Nações**, pág. 609.

«Não é somente por intermédio dos homens sobre quem pesam grandes responsabilidades, nem por meio dos homens influentes nos conselhos, nem pelos dirigentes dos nossos hospitais ou das nossas casas publicadoras, que se há-de realizar a obra que encherá a terra com o conhecimento do Senhor como as águas cobrem o fundo do mar. Esta obra não poderá ser cumprida sem que a igreja se ponha toda ela ao

(Continua na pág. 19)

CONGRESSO INTERNACIONAL M. V. DE LA CORUÑA

De 4 a 8 de Setembro foi levado a efeito em La Coruña o Congresso Internacional da Juventude Adventista da União Sul-Europeia.

Raramente terão sido postas à disposição da Igreja Adventista tantas facilidades como as que foram oferecidas pela Universidade Laboral daquela cidade em cujas instalações decorreram as actividades do Congresso. No seu amplo auditório tiveram lugar as reuniões públicas. Os participantes ficaram alojados nos quartos e camaratas do internato e tomaram as refeições — sempre vegetarianas — nos espaçosos refectórios daquela instituição.

Foram hóspedes de honra os pastores John Hancock, secretário do Departamento dos Jovens da Conferência Geral; Nino Bulzis, secretário do mesmo Departamento na Divisão Euro-Africana; Samuel F. Monnier, presidente da União Sul-Europeia; Eugénio Rodriguez, Michele Buonfiglio e David Sanguesa, secretários departamentais da mesma União; Jean Flori, professor do Seminário Adventista de Collonges; Dr. David Esteves, médico e ancião da igreja de Coimbra; Carlos Puyol, presidente da Associação Espanhola.

Mais directamente envolvidos na organização do Congresso estiveram os secretários do Departamento de Jovens dos três principais campos da União: Humberto Arias, de Espanha; António Baião, de Portugal; e Hugo Visani, de Itália.



O Pastor Samuel Monnier com os dois representantes da Missão de Cabo Verde

A reunião de abertura efectuou-se às 20.30, do dia 4. Apresentadas as boas vindas por Enrique Codejón, pastor da igreja de La Coruña, a quem muito se deve para que o Congresso se tenha podido realizar em tão acolhedor local, seguiu-se no uso da palavra o Pastor Carlos Puyol, que estendeu as boas-vindas ao reitor



O Pastor John Hancock tocando o seu acordeão

da Universidade, ali presente. Na tribuna encontravam-se as bandeiras de todos os países representados: Portugal, Espanha, Itália, Grécia e Israel.

As reuniões de quinta e sexta começaram com uma meditação matinal, às 9 horas, seguida de grupos de oração, a cargo do Pastor Samuel Monnier.

Eis alguns dos assuntos versados nas outras reuniões durante o Congresso: «Evolução ou Criação?» (Jean Flori); «Cristo na Bíblia» (Nino Bulzis); «Preparação para o Matrimónio» (Dr. David Esteves); «Os M. V. no Mundo» (John Hancock).

Cada dia, à tarde, eram estabelecidos contactos pessoais de orientação espiritual, profissional, educativa e vocacional, funcionando como conselheiros, respectivamente, Samuel Monnier, Luís Bueno, Roberto Badenas e Ernesto Ferreira.

Na quinta-feira à noite teve lugar o serão musical, havendo-se destacado João Paulo Trindade e o grupo de Setúbal com «Eis-me aqui»



Aspecto da tribuna durante a cerimónia da transmissão da chama

A jovem Salwa Gneim, representante de Israel

e «Experimenta Jesus»; Vicente Solivelles e o grupo de Urgel (Barcelona), com «Huellas»; Armando Cottim, da Amadora, com «Getsêmane» e Mário de Oliveira, do Barreiro, com «Só por Cristo».

Na sexta-feira à noite o programa, de carácter espiritual, esteve a cargo das delegações da Itália e Portugal.

Sábado à noite teve lugar um programa folclórico preenchido pela delegação espanhola.

Israel fez-se representar pela jovem Salwa Gneim, secretária dos escritórios da sede daquela Missão, e Cabo Verde por Fernando de Palma Andrade, de passagem pela Europa, Guilherme Lima, que irá estudar este ano no Seminário de Sagunto, e Kai Nielsen, jovem dinamarquês, que vai passar um ano naquele arquipélago ao abrigo do plano do Serviço Voluntário Adventista.

Na manhã de Sábado, realizou-se uma animada Escola Sabatina, dirigida por H. Arias, seguida por um programa missionário, a cargo de R. Weiss. O sermão do culto solene esteve a cargo de J. Hancock, tendo sido particularmente inspirador o espectáculo dos numerosos jovens que avançaram num gesto de dedicação de suas vidas ao Senhor, em resposta ao apelo dirigido pelo orador.

A tarde, teve lugar uma bela cerimónia baptismal, havendo descido às águas do mar, na Praia de Barrañán, 14 preciosos jovens.

Num Congresso como este não podia faltar um Concurso Bíblico, como estímulo para um mais cuidadoso estudo das Sagradas Escrituras. Manifestaram notável conhecimento do Santo Livro os jovens Sara Rossi, Vicente Dominguez e Raquel Carmona.

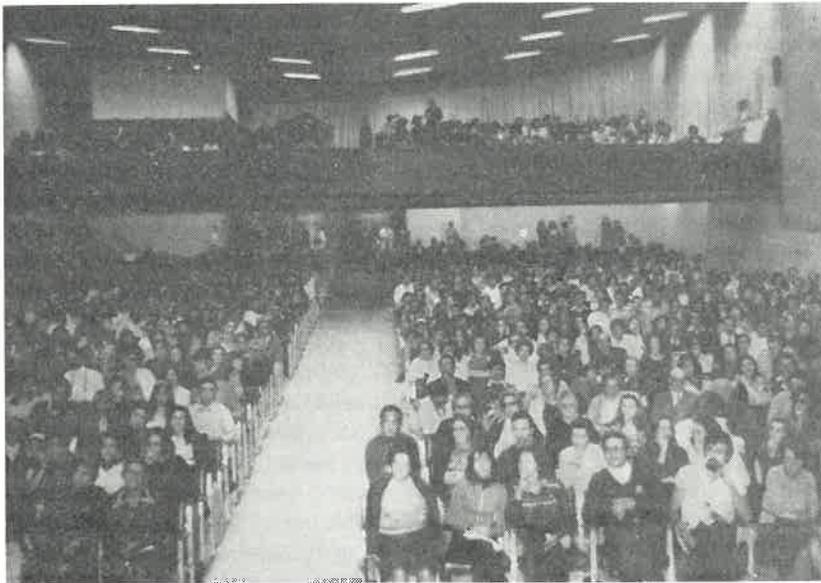
No Domingo de manhã celebrou-se uma pequena cerimónia, junto da cisterna, encimada por uma pomba, construída pelos adventistas num



jardim da Universidade, como recordação do Congresso. Numa placa metálica, nela afixada, liam-se os seguintes dizeres: «La Juventud Adventista a la Universidade Laboral — Sep. 1974».

Ao acto assistiu o reitor da Universidade, a quem foi oferecida a colecção de 10 volumes de «Bellas Historias de la Biblia», o qual manifestou o seu apreço pela maneira como o Congresso havia decorrido e pelo comportamento dos nossos jovens que, segundo confessou, foi precisamente o comportamento exemplar que deles esperava.

Poderíamos mencionar várias outras actividades do Congresso, tais como as participações corais, em que se distinguiram os jovens portugueses; os concursos fotográfico e de temperança; os hinos acompanhados a acordeon pelo pastor John Hancock, mas vamos referir-nos apenas a mais uma — a cerimónia de encerramento.



Aspecto da assistência no auditório da Universidade Laboral de La Coruña

Durante a cerimónia baptismal realizada na Praia de Barrañán

Teve lugar no fim da manhã de Domingo, com a «Transmissão da Chama», símbolo da fé adventista que a juventude está disposta a levar a todo o mundo nesta geração. Dois jovens, representando os pioneiros, transmitiram a chama ao Pastor J. Hancock, que por sua vez a transmitiu a N. Bulzis, este a M. Buonfiglio, que a passou a dois jovens da Itália, seguindo-se A. Baião e dois jovens de Portugal, dois jovens de Cabo Verde, uma jovem de Israel, H. Arias e dois jovens de Espanha. De cada vez era lançado o solene repto: «Aceitas o desafio de pregar o Evangelho e de te consagrares a ele?»

Em seguida todos estes jovens e dirigentes, com os respectivos archotes, acompanhados pelas bandeiras dos países representados no Congresso, abriram o desfile «Jovens da União Sul-Europeia em Marcha para Cristo», em que se encorporaram todos os presentes. Dirigindo-se ao vasto pátio da Universidade, ali todos se deram as mãos. Momento solene. No meio do mais



profundo silêncio foi então dirigida ao Senhor uma fervorosa oração. Assim terminou em beleza este inolvidável Congresso, de que todos saíram com uma maior determinação de consagrar suas vidas ao serviço do Mestre.

Perguntar-se-á quantos congressistas estiveram presentes. Se nos basearmos no número de senhas distribuídas para as refeições poderemos dizer que participaram 847 congressistas regulares: 281 portugueses, 526 espanhóis e 40 italianos. Muitos, outros, porém, participaram, sobretudo no Sábado em que a assistência certamente ultrapassou em muito o milhar de pessoas.

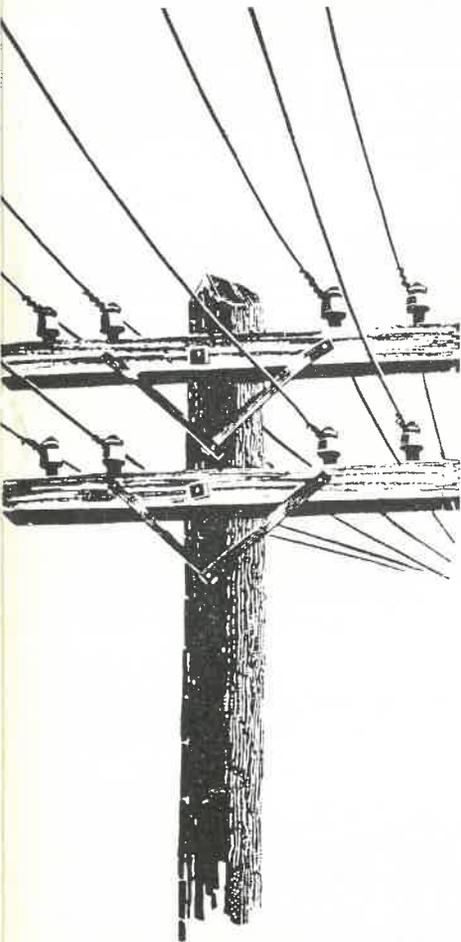
Possa este notável Congresso contituir uma inspiração para encontros semelhantes a nível nacional, e oxalá se repita em breve a nível da União com resultados idênticos, ou ainda superiores, aos do que se realizou em La Coruña.



O grupo de Setúbal que se distinguiu particularmente durante o serão musical

Ernesto Ferreira

NOTÍCIAS DO CAMPO



Carlos Casaca

Em 11 de Setembro, depois de três meses passados em Portugal, regressou a Angola, acompanhado de sua família, o Ir. Carlos Casaca, professor no Colégio Adventista do Huambo, em Nova Lisboa.

Kai Busk Nielsen

Vindo da Dinamarca, partiu de Lisboa, no mesmo dia, o Ir. Kai Busk Nielsen em direcção a Cabo Verde, onde vai trabalhar durante um ano ao abrigo do plano do Serviço Voluntário Adventista.

Joaquim Alegria Morgado

Em 14 de Setembro, regressou a Angola o Pastor Joaquim Alegria Morgado, secretário departamental da União Angolana dos Adventistas do Sétimo Dia.

Arturo Schmidt

A fim de realizar uma série de reuniões em Lisboa, esteve nesta cidade, de 18 de Setembro a 6 de Outubro, o Pastor Arturo Schmidt, evangelista e secretário associado da Associação Ministerial da Divisão Euro-Africana.

Carlos Puyol y Buil

De 19 a 30 esteve em Portugal, a fim de participar nos Congressos Regionais, o Pastor Carlos Puyol y Buil, presidente da Associação Espanhola. De 20 a 22 de Setembro falou no Congresso Regional do Norte, no Porto; em 23, em Espinho; em 24, em Coimbra; em 25, em Tomar; em 26, em Setúbal; e de 27 a 29, no Congresso Regional de Portalegre.

Samuel F. Monnier

De 4 a 8 de Outubro, esteve entre nós o Pastor Samuel F. Monnier, presidente da União Sul-Europeia. Durante a sua estadia, visitou as igrejas de Almada, Seixal, Barreiro e Alvalade. Além disso, reuniu-se com os membros do Conselho e os obreiros da Associação Portuguesa.

Eva Zimmerhackl

Em 7 de Outubro chegou a Lisboa, vinda da Áustria, a jovem Ir. Eva Zimmerhackl, que no dia 9 partiu para Angola onde ao abrigo do plano do Serviço Voluntário Adventista, irá trabalhar na Missão do Quicuco.

Roland Gallewski

Com as mesmas datas de chegada e partida, e ao abrigo do mesmo plano, passou por Lisboa o Ir. Roland Gallewski, vindo da Alemanha, que irá trabalhar na Missão Adventista do Bongo.

CONGRESSO REGIONAL DO NORTE

Por vezes temos manifestado fé demasiado pequena nas nossas realizações para Cristo.

Como tentativa de superação da nossa habitual mediocridade, este ano fez-se um esforço particular para que as reuniões do Sábado do Congresso do Norte tivessem lugar num recinto mais vasto do que a nossa igreja do Porto.

Para o efeito foi nomeada uma Comissão composta pelos Pastores José Manuel de Matos, Abílio Echevarria e Joaquim Maria Casquinha, que como resultado dos seus contactos obteve a cedência gratuita do Palácio de Cristal. Foi uma vitória notável, à qual ainda vamos voltar a referir-nos.

Para este Congresso tivemos a valiosa colaboração do Pastor Carlos Puyol, presidente da Associação Espanhola.

Assim, foi ele que falou na reunião inaugural, que se realizou na



Assistência ao Congresso do Norte, no Palácio de Cristal, no Porto

igreja do Porto, no dia 20 de Setembro, às 21.00 horas.

Como acima referimos, as reuniões diurnas de Sábado efectuaram-se no Palácio de Cristal. Cedo começaram a afluir os membros. Mas como entrar no recinto sem pagar, visto que habitualmente o bilhete de entrada custa 5\$00? Mais uma vitória foi conseguida neste sentido, pois ficou combinado com a Administração responsável que todos os que ostentassem o emblema do Congresso pudessem entrar gratuitamente. O emblema era um impresso circular vermelho com os seguintes dizeres: «Congresso Adventista do Norte — 21 Setembro 1974».

Ao entrarem, todos deram com o recinto em perfeita ordem para as reuniões, graças aos incansáveis esforços do Pastor Matos e da sua equipa.

A Escola Sabatina decorreu com absoluta disciplina, apesar de a lição ter sido passada em classes. Para o efeito tinham sido distribuídas as cadeiras de maneira a se adaptarem aos grupos correspondentes às classes, sendo cada grupo devidamente numerado e a cada classe tendo sido atribuído um respectivo monitor. As crianças não foram esquecidas e para elas foram igualmente providenciadas classes especiais.

Constituiu um espectáculo impressionante o que pôde ser desfrutado da tribuna, donde se podia contemplar a vasta assistência composta por mais de 1500 pessoas. Era a primeira vez que em Portugal se reunia tão numeroso grupo de Adventistas!

A mensagem do Pastor Puyol foi digna da ocasião e tocou bem fundo no coração de todos os presentes.

Durante o culto foi levantada uma generosa oferta, que se destinou à adaptação e equipamento da sala de Braga, que irá ser aberta ao público no próximo dia 12 de Outubro.

A tarde, no mesmo recinto, realizaram-se duas importantes reuniões. A primeira foi um simpósio sobre educação cristã, dirigida por E. Ferreira, em que tomaram parte, além do Pastor Carlos Puyol, jovens representando escolas primárias, o ensino secundário e universitário, e os Seminários de Samento e Collonges.

As actividades no Palácio de Cristal terminaram com uma reunião promovida pelos jovens das diferentes igrejas representadas e superiormente dirigida pelo Pastor J. M. Matos.

As restantes reuniões do Congresso tiveram lugar na igreja do Porto. E, assim, na noite deste mesmo Sábado, o Pastor Puyol ali falou a um auditório que enchia o salão.



Aspecto do Ginásio do Liceu Camões, em Lisboa, durante o Congresso Regional do Sul

No Domingo de manhã, depois do culto matinal a cargo de E. Ferreira, falou J. M. Matos sobre a «Arte de Dar Estudos Bíblicos». À tarde, depois de um belo estudo sobre educação Cristã, foi feito um convite a um testemunho mais vivo em favor da fé que nos foi confiada.

Na sessão de encerramento, à noite, o Pastor Puyol falou mais uma vez.

As suas conferências públicas nos serões dos três dias do Congresso constituíam respostas às três perguntas dirigidas a Jesus: «Que é a Verdade?», «Pode o homem nascer, sendo velho?» e «Que receberemos?»

No testemunho de todos com quem contactámos este foi um dos melhores congressos a que jamais assistimos em Portugal. Glória seja dada ao Senhor!

E. F.

CONGRESSO REGIONAL DO SUL

De 27 a 29 de Setembro realizou-se em Lisboa o Congresso Regional do Sul.

Iniciado na Sexta-feira à noite pelo Pastor Arturo Schmidt com uma conferência pública subordinada ao título «A Chave da Felicidade e da Saúde Mental», este Congresso registou uma grande vitória no que respeita às reuniões diurnas de Sábado.

Para o efeito, foi conseguida a cedência gratuita do Ginásio do Liceu Camões, graças aos contactos estabelecidos por uma Comissão de que faziam parte os Pasto-

res Fernando Mendes, Joaquim Dias e António Baião.

Com o vasto recinto literalmente repleto, ali se realizou a Escola Sabatina, sob a direcção do Pastor Benito Raimundo. O culto solene, durante o qual se levantou uma oferta para a abertura da sala de Braga, esteve a cargo do Pastor Arturo Schmidt. No fim do seu sermão, um numeroso grupo de pessoas avançaram até à tribuna, em resposta a um fervoroso apelo de decisão por Cristo.

O lema do Congresso, como aliás dos restantes que se efectuaram este ano, era: «Cristo — a solução». E, assim, na tarde deste Sábado, às 16 horas, teve lugar um simpósio, dirigido por E. Ferreira, à volta do tema: «Se Cristo é a solução, quais são os problemas?» Eis alguns dos problemas então focados, com os respectivos intervenientes: «A descoberta da Verdade» (Ruben Reis), «A Origem e o Destino do Homem» (Orlando Costa), «A Ansiedade» (José Manuel Ferreira), «O Pecado» (Armando Cottim), «O Sofrimento» (Guida Baptista), «Maus hábitos — fumo, álcool, drogas, sensualidade» (José Manuel Ferreira), «Problemas Familiares» (João Luís Beato), «Luta de Classes» (Cipriano Baptista), «Guerras» (Maria Edite Pinheiro) e «O Problema da Morte» (João Paulo Trindade).

Esta tarde, passada no Liceu Camões, terminou com um interessante programa dos M. V. da zona, dirigido pelo Pastor António Baião, e intitulado «A Juventude Adventista em Marcha».

Vários grupos corais deram a sua colaboração durante estas reu-

niões, merecendo uma menção especial, pelo número e qualidade das suas intervenções, o grupo de Setúbal.

As restantes reuniões do Congresso tiveram lugar na igreja central. Assim, neste Sábado à noite, ali falou A. Schmidt sobre «Noivado, Matrimónio e Lar — Bases do Lar Cristão».

O culto devocional de Domingo, às 9.30, esteve a cargo do Pastor Pedro Brito Ribeiro, seguindo-se no uso da palavra o Pastor A. Schmidt, que falou sobre o assunto das vocações.

A tarde, depois de o Pastor Benito Raymundo ter falado sobre «A Igreja em Acção», teve lugar a sessão de encerramento, que esteve a cargo de E. Ferreira.

À noite, o Pastor Schmidt realizou ainda outra conferência sobre «A Suprema Razão da Vida».

Todas as reuniões nocturnas foram acompanhadas de interessantes filmes em technicolor.

E. F.

CONGRESSO REGIONAL DE PORTALEGRE

Embora já venha sendo hábito há vários anos a realização de congressos regionais no Norte, Centro e Sul de Portugal, este ano, de 27 a 29 de Setembro teve lugar pela primeira vez um desses congressos na cidade de Portalegre para as igrejas daquele distrito. As mensagens de elevado nível espiritual estiveram quase exclusivamente a cargo da visita de honra desse congresso, pastor C. Puyol, presidente da Igreja Adventista em Espanha. Os crenças das várias igrejas do distrito afluíram particularmente durante o dia de sábado, sendo de salientar, além da Esc. Sabatina e do culto da manhã, uma edificante cerimónia baptismal e dinâmica e alegre reunião dos jovens da parte da tarde. Um último facto a registar é que o tema do congresso, «A Educação Cristã» e as convincentes mensagens do pastor C. Puyol provocaram um tal impacto na mente dos crentes e do pastor local, que decidiram traçar planos concretos para muito em breve abrir uma escola primária na igreja de Portalegre. Deus seja louvado por tudo, mas muito especialmente por esta iniciativa.

Joaquim Dias

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

Com a avançada idade de 82 anos, faleceu na sua residência em Alhos Vedros, o nosso estimado



José Mendes Alho

irmão em Cristo, senhor José Mendes Alho. Foi sepultado no dia 14 de Agosto passado, no cemitério desta localidade, onde o signatário teve oportunidade de falar da 'bem-aventurada esperança' da Salvação, pela fé em Jesus, às numerosas pessoas presentes.

Tendo aceite a Jesus como seu Salvador, o falecido irmão uniu-se à Igreja Adventista, pelo baptismo, no ano de 1938.

Crente sincero e fervoroso, viveu e manteve viva sua fé, até ao último momento de sua vida terrena.

Certamente que, quando o Senhor Jesus descer «do céu, com alarido e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus e, os que morreram em Cristo», ressuscitarão (I Tes. 4:13-17), o nosso querido irmão estará entre os bem-aventurados que «ouvirão a Sua voz», e que «sairão para a ressurreição da vida» (João 5:28, 29).

Deixou viúva, e com a idade de 80 anos, a nossa irmã em Cristo, senhora Rita da Conceição Alho. Era pai das nossas irmãs Maria do Ó Alho, e Mariana Alho; e avô dos irmãos Carlos Alho e José Alho, todos membros da Igreja do Barreiro.

À família enlutada, a Igreja do Barreiro manifesta a sua simpatia cristã, com os votos de que estes queridos irmãos se mantenham firmes na fé de Jesus, até ao fim, para que se cumpra neles a promessa de Jesus: «Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida» (Apoc. 2:11).

R. Meneses

IGREJA DE LISBOA CENTRAL

Aproveitando a visita do Pastor Arturo Schmidt, a igreja de Lisboa esteve em plena actividade de 20 de Setembro a 5 de Outubro, com um Plano de 5 Dias para Deixar de Fumar e uma série de conferências especiais para o público.

Plano de 5 Dias Para Deixar de Fumar

Com a colaboração do Dr. Samuel Ribeiro e do Pastor Benito Raymundo, o Pastor Schmidt realizou um Plano de 5 Dias que foi muito bem frequentado. A pedido de um repórter do **Diário de Notícias**, que diariamente nos acompanhou, foi feito no último dia um pequeno inquérito e verificámos que das pessoas que se tinham inscrito no primeiro dia, 70 % tinham deixado de fumar. O número total de inscrições rondou os duzentos.

Um fumador que estava condenado à morte se não deixasse de fumar, e que não conseguia abandonar o fumo, percorreu 200 quilómetros diários para se deslocar das Caldas da Rainha ao local do Curso. Foi com grande satisfação que o vimos levantar-se no último dia e dar o seu testemunho de que desde o início do curso não fumara um único cigarro. A própria esposa, presente, mostrava-se feliz pois agora o marido ia poder viver mais alguns anos!

Como esta, outras vitórias foram alcançadas.

Pensamos realizar brevemente outro Plano de 5 Dias, mas numa sala fora do salão da Igreja, para que os fumadores venham sem preconceitos.

Conferências Públicas

Após ter procurado ajudar os fumadores a melhorarem a sua saúde física, quisemos dar-lhes também a oportunidade de conseguirem a saúde espiritual. E assim, o Pastor Schmidt apresentou durante nove noites consecutivas temas de interesse para este género de público. Muitos ex-fumadores e seus familiares assistiram com interesse a estas conferências.

Antes e depois das palestras eram projectados filmes sobre a natureza, mas que simultaneamente apontavam para as Escrituras Sagradas e o cumprimento das suas profecias.

Na última noite realizou-se uma cerimónia baptismal na qual desceram às águas doze pessoas.

Pensamos que estas reuniões foram de grande utilidade e neste momento temos em nosso poder várias moradas de pessoas com quem iremos futuramente contactar.

Estamos gratos ao Senhor pelo que permitiu que fosse feito e confiamos colher num próximo futuro os frutos da semente lançada.

F. Mendes

PONTA DELGADA

Houve alegria «diante dos anjos de Deus» durante toda a tarde de sábado, 14 de Setembro, visto que 26 almas foram agregadas a esta Igreja pelo baptismo!

Dentre estas almas que se baptizaram destacamos dez jovens, entre os 12 e 17 anos, e oito juvenis entre os 8 e 11 anos de idade. Se alguém pretender, baseado na idade, que estes últimos não estavam cientes do passo que deram e que, portanto, baptizá-los foi um acto irresponsável, contesto! Em apoio cito as palavras da Irmã Ellen White em **Orientação da Criança**, págs. 490, 491: «As crianças de oito, dez, ou doze anos, já têm idade suficiente para serem dirigidas ao tema da religião individual... Caso sejam devidamente instruídas, crianças bem tenras podem ter ideias correctas, quanto ao seu estado de pecadores, e ao caminho da salvação por meio de Cristo.»

Durante longas semanas vivi as horas mais felizes da minha vida com estas almas juvenis no estudo da Bíblia. Pude verificar com emoção a sua activa participação, o seu olhar vivo e atento, as suas respostas inteligentes... e os sintomas maravilhosos da acção do Espírito Santo em seus ternos corações. Certamente que Jesus as compreende e recebeu com alegria a dádiva voluntária do seu coração, ao descerem confiantes ao baptistério, para serem baptizadas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. As estatísticas revelam que o maior número de apostasias, na nossa Igreja, dá-se entre os adultos e não entre os que se baptizaram em tenra idade.



Ponta Delgada — As Irmãs Carolina A. Cabral e Maria José Carvalho, visivelmente, manifestam a sua alegria!

Só um ferrenho preconceito pode levar os pais e alguns membros de Igreja a desanimarem o baptismo de menores quando este desejo provém de um impulso interior. «Deixai vir a mim os meninos — disse Jesus — e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus».

Para alcançarmos este tão significativo número de baptismos houve evidentes e assinaladas conquistas do Espírito de Deus nos corações. Gostaríamos assim de salientar o caso das nossas Irmãs, recém-baptizadas, Carolina Almeida Cabral e Maria José Carvalho que

antes eram simpatizantes mas que após um trágico acidente de viação em que por pouco não perderam a vida resolveram entregar-se a Deus. Digno igualmente de nota é o caso da nossa Irmã Filomena Olívia Brasil, ligada a famílias de fortes tradições católicas, a qual, convidada a assistir a uma das nossas reuniões juntamente com o marido, interessou-se pela verdade e, após alguns meses de estudos bíblicos no lar, manifestou, espontaneamente, o desejo de se baptizar! O marido seguiu-a em breve, assim confiamos, logo que tenha o sábado livre. E, como exemplo de testemunho leigo eficiente, gostaríamos de felicitar o Irmão Daniel Cabral que viu baptizarem-se, no mesmo dia, a mãe, a irmã e um sobrinho!

Com este considerável aumento de almas, a Igreja de Ponta Delgada sente-se, naturalmente, mais rica, embora com maiores responsabilidades e revigora as suas forças para novos e mais gloriosos empreendimentos para glória de Deus! Ajudai-nos com as vossas poderosas orações.

A. Oliveira

PASTOR ERNESTO FERREIRA

DESPEDIDA

Na impossibilidade de nos despedirmos pessoalmente de todos os nossos colaboradores e irmãos na fé, fazemo-lo por este meio, agradecendo as provas de amizade cristã que nos foram dispensadas durante os anos em que tivemos o privilégio de servir o campo português.

Ficamos à vossa disposição no Seminário Adventista de Sagunto (Seminário Adventista — Apartado 52 — Sagunto — Valência — Espanha), onde passaremos a ter o nosso posto de serviço.

Unidos na mesma esperança e empenhados no mesmo esforço de apressar a vinda do Senhor, ficamos orando pela Obra em Portugal.

Irene e Ernesto Ferreira



Ponta Delgada — O sorridente grupo das 26 almas que se baptizaram

NASCIMENTO DUMA

IGREJA MISSIONÁRIA

(Continuação da pág. 7)

das missões adventistas no mundo; mais tarde incluiu relatórios sobre as missões estrangeiras, estatísticas, cartas interessantes, experiências feitas pelos membros de igreja empenhados na obra missionária e instruções em vista da continuidade desta obra no mundo.

«O Verdadeiro Missionário» publicou-se apenas durante um ano, de Janeiro a Dezembro de 1874, data em que se fundiu com a «Review and Herald». Mas o ano de 1874 marcou o início duma fase nova nas missões adventistas. Foi o princípio duma nova visão deste movimento que permitiu lançar um vasto empreendimento em todos os continentes.

Os irmãos que se reuniram nesse ano na Conferência Geral atenderam pela primeira vez o apelo dos irmãos suíços e enviaram-lhes um pastor da América. De comum acordo decidiram nomear John Nevins Andrews para o campo suíço. Com os seus dois filhos Charles e Mary e acompanhado por Ademar Vuilleumier (primo de Albert Vuilleumier que vivia nos Estados Unidos desde 1870), Andrews deixou Boston a 15 de Setembro de 1874. Um mês mais tarde, em Outubro, chegou a Neuchâtel, recebido por representantes dos grupos adventistas de Tramelan (primeira igreja fundada na Europa), de Locle, de La Chaux-de-Fonds, de Flerier, de Bienne e de Bucketin. Um grupo verdadeiramente impressionante para lhe dar as boas-vindas!

No decorrer da terceira fase das missões da obra adventista, as igrejas estenderam-se e multiplicaram-se em todo o mundo.

Que apaixonante história nos oferecem esses homens e mulheres que, guiados pelo Espírito, constringidos pelo amor de Cristo, movidos pela convicção de sua vocação de missionários, tiveram a alegria de ver o próprio Senhor trabalhar poderosamente por seu intermédio, em todos os seus empreendimentos destinados a terminar a Sua obra!

Esses missionários encontraram na Europa uma seara que os aguardava pronta a ser colhida, na Suíça (1874), na Alemanha (1875), em França (1876), na Itália (1877), na Escandinávia (1879), na Inglaterra (1878), e desde a Roménia até à Rússia. Em 1880, a mensagem da verdade atingiu a Austrália, a América Central e a América do Sul, as ilhas do Pacífico, as costas da China, enquanto que nas décadas seguintes a maior parte da Ásia e da África tinha contactos com os mensageiros adventistas ou com publicações da Obra. Em 1889 criou-se uma Divisão das Missões Estrangeiras para dirigir as actividades nos países do ultra-

mar. Essa divisão deixou legalmente de existir quando, em 1903, o conselho da Conferência Geral tomou a responsabilidade de supervisionar todas as missões.

Entre as igrejas protestantes, os adventistas do sétimo dia, que contam hoje 2 500 000 crentes, estão à cabeça de um imenso movimento missionário.

Existem ainda necessidades neste vasto campo? Que resta para fazer «após estes últimos cem anos»?

«ATÉ AOS CONSFINS DA TERRA»

(Continuação da pág. 11)

trabalho sob a direcção do Senhor e com o Seu poder.» — **Test.**, vol. 8, pág. 47.

Verdadeiramente, não são a luz e os conselhos que nos faltam. Pelos escritos do Espírito de Profecia todos podem ter uma ideia precisa da maneira como o evangelho será proclamado. Mas essa não é a questão. O problema da terminação da obra de Deus no mundo depende sobretudo do género de cristãos que somos e da atitude de cada um em relação à tarefa a realizar. Tudo será diferente quando cada um de nós puder dizer com o apóstolo Paulo: «Não fui desobediente à visão celestial. Antes anunciei, primeiramente, aos que estão em Damasco e em Jerusalém, e por toda a terra da Judeia, e aos gentios, que se emendassem e se convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento.» (Actos 26:19, 20.) Em que medida nos constringe o amor de Cristo?

«Por quarenta anos a incredulidade, murmurações e rebelião excluíram o antigo Israel da terra de Canaã. Os mesmos pecados têm retardado a entrada do moderno Israel na Canaã Celeste. Em nenhum dos casos as promessas de Deus estiveram em falta. É a incredulidade, o mundanismo, a falta de consagração e a contenda entre o professo povo do Senhor que nos têm conservado neste mundo de pecado e dor por tanto anos.» — **Mensagens Escolhidas**, livro 1, pág. 69.

Que este centenário possa ser uma oportunidade para que cada um reconsidere e consagre novamente a sua vida. «Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a Sua casa, para dar o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim. Em verdade vos digo que o porá sobre todos os Seus bens». (Mateus 24:45-47.)



Breves notícias da Divisão Euro-Africana

★ Durante o ano passado a Espanha acrescentou 248 membros, Portugal 208 e a Itália 169, ao número dos seus crentes. O Sul da França baptizou 132 membros, com um aumento líquido de 55 para o ano todo.

★ S. F. Monner, presidente da União e D. Riemens, presidente da missão, fizeram oferta de um livro «**Patriarcas e Profetas**» ao violinista Yehudi Menuhin, em Jerusalém.

★ Durante três fins-de-semana a nossa escola de Florença, na Itália, recebeu gratuitamente jovens susceptíveis de se interessar pelos estudos teológicos, com a finalidade de lhes dar a conhecer melhor aquela instituição.

★ Henri Tierce, presentemente pastor em Toulouse, França, foi nomeado presidente da Missão da Reunião. Terá como colaborador Gérard Viney, das Ilhas Maurícias, na qualidade de secretário-tesoureiro.

★ Johan Van Bignoot, trabalhando actualmente na Reunião, foi nomeado presidente da Missão das Maurícias, sucedendo a Sam Appave que tomou a seu cargo o colégio de Phoenix. Esta escola desempenhará agora a função de seminário da União do Oceano Índico.

★ Calude Bosdedore, missionário francês actualmente na Reunião, foi transferido para as Ilhas Seychelles, onde assumirá o cargo de presidente.

★ Durante o mês de Maio foram organizados dois planos de cinco dias para deixar de fumar, entre a população árabe de Israel. Foram dirigidos pelo Dr. Hayton, da equipa de cirurgiões do coração, de Loma Linda, agora em Atenas, e por S. F. Folkenberg, da Divisão Euro-Africana.

★ Malton Braff, presidente da Missão de Cabo Verde, informa que, logo que ali cheguem os livros que devem ser enviados de Portugal, entrarão ao serviço três novos colportores-evangelistas.

★ O número de baptismos para 1973 na União Sul-Europeia totalizou 963, tendo a Espanha, a Grécia e Portugal registado aumentos em relação ao ano anterior.

★ Foi atribuído à obra de beneficência no Chad um subsídio de quatro mil francos suíços (cerca de vinte e oito mil escudos).

★ A missão das Ilhas de Cabo Verde está fazendo planos para ampliar cada uma das suas três escolas de igreja.

★ Paul Tièche foi unanimemente reeleito presidente da Associação da Suíça de língua francesa, na sua recente assembleia realizada em Bienne. O novo secretário-tesoureiro é Sylvan Meyer, que por muitos anos serviu como gerente do sanatório suíço de Gland.

★ Na recente sessão bienal da Associação da Bélgica-Luxemburgo em Bruxelas, Georges Czaerck foi eleito presidente da Missão, sucedendo a Jean Geeroms, o qual foi transferido para a evangelização. Roger Merckx foi nomeado novamente como secretário-tesoureiro.

★ Pierre Lanarès, secretário do departamento da liberdade religiosa na nossa divisão, fez um primeiro contacto favorável com o ministro grego da religião e educação.

★ A. Vontzalides, estudando actualmente em Newbold, aceitou o chamado para regressar ao seu país, a Grécia, a fim de se dedicar ao trabalho de evangelização.